

# Estética, emoção e o lúdico na Toca de Assis<sup>1</sup>

## Aesthetics, emotion and ludic in Toca de Assis

Rodrigo Portella\*

### Resumo

---

O artigo visa apresentar a Fraternidade de Aliança Toca de Assis em sua face de estética, emotiva e lúdica em relação à manifestação da fé, através de shows, teatros, danças, performances, entre outras estratégias de representação e promoção da fé e da religião que se desenha na Toca de Assis. O artigo identifica como o corpo, a música, a estética e o lúdico contribuem para certa performance da fé marcada pela busca de uma identidade católica e juvenil moderna. Entrementes, busca-se salientar como, nas grandes reuniões festivas da Toca de Assis, os “Tocões”, o comércio de objetos referenciados à Toca de Assis ajudam a construir uma identidade católica específica. Enfim, objetiva-se revelar como, no caso da Toca de Assis, se constroem as bases de uma identidade católica sustentadas pelo viés da estética, do espetáculo e do comércio como solidificação e promoção desta identidade e da fé que ela quer promover.

---

**Palavras-chave:** *Toca de Assis. Juventude. Lúdico. Igreja. Estética.*

---

### Abstract

---

The article presents the Brotherhood Alliance Toca de Assis in its aesthetic, emotional and playful faces about the manifestation of faith, through

---

<sup>1</sup> Recebido em 15/02/2012. Aprovado em 05/04/2012.

\* Doutor em Ciência da Religião pela UFJF. Professor Adjunto da UFJF, atuando no Departamento de Ciência da Religião / Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Contato: portella-rodrigo@ig.com.br.

concerts, theaters, dances, performances, among other strategies of representation and promotion of faith and religion that draws on Toca de Assis. The article identifies as the body, music, and aesthetics and contribute to some playful performance of faith marked by the pursuit of a Catholic identity, modern and youthful. Meanwhile we seek to highlight how, in large festive gatherings of Toca de Assis, the “Tocões”, the trade in objects referenced Toca de Assis helps to build a specific Catholic identity. Finally, it aims to reveal how, in the case of Toca de Assis, we build the foundations of a Catholic identity supported by the bias of aesthetic spectacle and commerce as solidification and promotion of this identity and faith that she wants to promote.

---

**Keywords:** *Toca de Assis. Youth. Playful. Church. Aesthetics.*

---

## Introdução

Toca de Assis<sup>2</sup> é uma comunidade religiosa que, em muito, se afigura de cunho, ou sustento, emocional e afetivo. Esta é a tese que permeia o presente texto. É preciso, em primeiro lugar, que se frise que comunidades emocionais se sustentam por expressões de afetividade, proximidade física, demonstrações de carinhos, abraços, beijos (Hervieu-Léger, 1997). Essa efervescência afetiva

---

<sup>2</sup> Fundada em 1994, pelo Padre Roberto José Lettieri, a Toca de Assis é um movimento religioso católico de vida consagrada que tem origens na Renovação Carismática Católica (RCC). Os toqueiros (assim são chamados os adeptos da Toca de Assis) buscam viver radicalmente a pobreza franciscana, e copiam literalmente, em vestes e presumível aparência física, os hábitos e formas de ser do movimento franciscano primitivo. Assim, os toqueiros usam roupas de trapos marrons, buscando as origens do hábito franciscano, andam descalços, tonsuram a cabeça (os homens) e a mulheres usam longos véus. A maioria dos homens deixa a barba crescer, rala. Usos e costumes do catolicismo de corte mais tradicional são adotados. Seus adeptos se revezam na contínua adoração ao sacramento do altar, em rotina de oração bastante densa, e muitas vezes com sacrifícios pessoais em reparação ao sofrimento de Jesus, sofrimento este que também se traduziria quando a Igreja Católica estaria negligenciando sua atuação na propagação da fé ortodoxamente católica, conforme esta é interpretada pelos toqueiros. Daí também que a oração dos toqueiros pretende ser reparadora e sustentadora em relação aos sacerdotes. E, quanto ao serviço social, dedicam-se a cuidar da população em situação de rua, indo às vias das grandes cidades e promovendo, entre esta população, cortes de unhas, cabelos e barbas, higiene, tratamento de feridas, distribuição de lanches. Além de cuidarem da população em situação de rua na rua, também a acolhem em suas casas. Assim, na maioria de suas casas convivem os toqueiros e pessoas em situação de rua, juntos, partilhando o dia-a-dia. A maior parte dos toqueiros é composta por jovens.

está bastante presente na Toca de Assis, na qual, configurando-se como uma família nova, de jovens e com um pai espiritual e referencial (Pe. Roberto Lettieri, fundador da Toca de Assis), há, no dia-a-dia, grande intensidade de demonstração de carinho e alegria entre os toqueiros [pessoas que aderem à Toca de Assis e, mais particularmente, aqui, aqueles/as que são toqueiros/as consagrados/as, e que vivem em comunidades]. Neste sentido, é de se perguntar se jovens conseguiriam, de forma opcional, viver um dia-a-dia que parece ser tão sacrificante, como na Toca de Assis [em tarefas como atenção e cuidado à população em situação de rua; longos momentos de oração, geralmente em posição ajoelhada; privações materiais], sem uma forte dimensão afetiva, como compensatória das renúncias e sacrifícios e como sustento para privações e entregas. Neste quesito é interessante notar como a estética e as emoções constituem-se em meios de auto afirmação em um mundo que parece tão descolorido, como o da convivência e serviço aos vulgos “mendigos”.

A estética, com toda carga emocional e identitária que pode carregar, é um meio de comunicação e performance bastante valorizado na Toca de Assis. Assim, se há renúncia a bens, estudo, dinheiro, roupas, assim como há prestação de serviço a pessoas doentes e abandonadas, não existe, por outro lado, renúncia ao estilo, à estética, à performance visual. Podemos ver isso nas fotos do Pe. Roberto pelas casas da Toca de Assis<sup>3</sup>. É comum, nessas fotos, a valorização do ângulo estilizado, do detalhe piedoso, a sugestão de santidade, oração, sacrifício, carinho, de forma que comunique certos conteúdos, e a imagem torna-se reveladora da devoção e da fé. Assim como na própria atitude dos toqueiros quando fotografados, pois também aí o estilo e a forma são valorizados. Ao clique da câmera os toqueiros valorizam a estética. São abundantes as fotos, na revista da Toca de Assis, de toqueiros ou grupo de toqueiros em posições estilizadas, sempre

<sup>3</sup> A partir de 2009 a Toca de Assis passou (e ainda passa) por uma ampla reorganização e adequação a modelos propostos pela hierarquia da Igreja Católica. Desde então muitas (todas?) casas da Toca de Assis já não apresentam fotos do Padre Roberto. A pesquisa retratada no presente artigo tem um recorte temporal definido: entre 2005 e 2008.

muito alegres. Através da imagem – também da fotográfica - a Toca de Assis faz o contraste com o padrão de beleza em vigor nas sociedades modernas. Ser fotografado sorrindo diante de pessoas sujas, mal-vestidas, miseráveis e doentes se torna um privilégio, o verdadeiro fato social. Portanto, o movimento faz um contraste entre a seriedade de uma devoção eucarística e serviço aos pobres *in extremis*, e uma nada sisuda vida social entre os toqueiros que, muito ao contrário, se caracteriza pela espontaneidade e alegria características da maioria dos jovens, inclusive expressas em suas danças e teatros por ocasião dos Tocões [grandes encontros regionais e nacionais de membros da Toca de Assis].

O corpo e os sentidos, a dança, a música, o êxtase, as relações de carinho e intimidade “espiritual”, os afetos “santos”, a emoção, em uma palavra, dão o tom deste movimento, se incorporando, assim, na lógica dos movimentos de surtos emocionais da modernidade (Hervie-Léger, 1997). Aderir a um movimento eclesial, hoje, se faz, em grande parte – ao menos no início – por atitudes subjetivas como afeto, beleza, simpatia (Silveira, 2003, p. 144), antes que por racionalidade reflexiva. A doutrina concisa, inflexível, exclusivista, tantas vezes vem depois. Mas, no caso da Toca de Assis, vem, e forte, já que muitos de seus membros identificam-se com um catolicismo de veio doutrinário bastante tradicional. Mas, para muitos jovens, no início, o que atrai à Toca de Assis é este “calor humano”, a beleza estética, os afetos sentidos entre os chamados “marronzinhos”. Vindo ou não a doutrina e a instituição, depois, com toda sua força, fato é que, em princípio, a identificação pela via afetiva, ou:

A religiosidade de tipo emocional bem poderia acompanhar o esvaziamento simbólico do universo moderno, e constituir, ao mesmo tempo, uma forma de adaptação dos grupos a este novo dado cultural. Nesta perspectiva continua possível ler o transbordamento da expressão afetiva da experiência religiosa como a expressão de um protesto contra o enquadramento institucional empobrecedor da experiência, tanto pessoal quanto coletivo, da fé. (Hervieu-Léger, 1997, p. 42)

A convivência entre os toqueiros é eivada de toques, de carinho, de abraços (às vezes longos), de choro, até de cafuné. A profusão de toques e maneiras de demonstrar afeto e carinho não deixa de ser uma “comunalização religiosa nas quais a expressão individual e coletiva dos afetos é central e constitutiva do grupo” (Hervieu-Léger, 1997, p. 33). A Toca de Assis surge como comunidade afetiva, grupo voluntário onde uma tipologia de “comunidade de amor”, como aponta Parsons (apud Martelli, 1995, p. 297) se encaixa bem. Pode-se, assim, classificar as adesões toqueiras no lastro de conversões estético-culturais, a partir de dimensões culturais, emocionais e estéticas (Hervieu-Léger, 2005, p. 133).

A Toca de Assis, ainda como agrupamento de pessoas a partir de um viés afetivo e emocional virtuoso, atraindo jovens, pode se enquadrar no espectro tão bem juvenil e também afetivo de agrupamentos “tribais”. “Tribos” é um termo do momento. Grupos de pessoas afinadas por ideais, agrupadas segundo eletividades de dimensões reduzidas, em que há, em seu interior, relações “quentes”, baseadas na emoção, no líder, na utopia, na dimensão simbólica. Comunidades pós-modernas, no dizer de Sanchis (1993, p. 17). E tribos jovens, na sociedade contemporânea, são como enclaves de identidades contrastivas em relação à ordem maior, referencial. É um nadar contra a corrente. A opção por um estilo de vida radical, contracultural, em uma “tribo”, pode ser visto como uma ruptura de protesto, de contraste, de divergência, tanto em relação à sociedade como quanto à Igreja, ou a certos modelos eclesiais. Assim, nesta opção há uma ruptura radical “implicando crítica ao mundo exterior (...) assumir uma nova identidade, divergindo das demais pessoas pelo uso de vestimentas próprias, novo corte de cabelo e, inclusive, um novo nome” (Guerriero, 2006, p. 29). Afinal, “a pessoa constrói-se na e pela comunicação” (Maffesoli, 1999, p. 310), e, na sociedade hodierna, a comunicação – para fora e para dentro – que constrói a pessoa ou o grupo, manifesta-se tanto por marcas estéticas exteriores quanto por modelos de convívio próprios e grupais bem definidos.

## 1 Roupas, jeitos e símbolos

Não se deveria negar que, nos dias que correm, a adesão a novos movimentos religiosos que se modelam por indumentária diferenciada das roupas civis, costumes inusuais, gestos e vocabulário próprios, enfim, por um mundo dentro do mundo; por um mundo que se destaca propositalmente como diferente - e que entra em “choque” com o trivial da sociedade - que possa ser, tal adesão, classificada no esquema weberiano do ator que está emaranhado em configurações particulares, bem específicas, e que valores e crenças ligados a esta situação específica representariam, para o ator, um aumento de *status*, um *plus* cultural em seu meio e mesmo para fora de seu meio. Roupas, costumes, vocabulários específicos: uma comunicação que quer transmitir uma mensagem para os próprios comunicantes e para “outros”, ora em oposição (aos de fora), ora em auto-afirmação. A expressão da identidade por intermédio de símbolos (roupa, hábitos) tem uma expressão social e, como tal, devem ser vistos os símbolos como *status* (Fraas, 1997, p. 88). Um *status* ao inverso, mas *status* de afirmação, ainda que pelo avesso. Afinal “é bom você saber: com o hábito eu posso ganhar muita coisa. Hábito e tonsura. Mas eu posso ser um sacana. Então a pobreza tem que ser interior, verdadeira” (depoimento de toqueiro).

Chamo a atenção, primeiramente, para o que de mais visível se destaca como diferencial na Toca de Assis em relação a outros movimentos eclesiais e a outras congregações religiosas: o uso constante do hábito grosso; o uso de chinelos ou o estar descalço; a tonsura entre os homens. A Toca de Assis chama, por primeiro, a atenção, pelo visual e, particularmente, pelo visual combinado à sua prática de assistência social à população em situação de rua. A *hexis* corporal, a veste e o estilo são, certamente, comunicações estéticas que podem cativar, atrair, ou causar repulsa. São mensagens em si e carregam não só significados, como a partir deles poder de persuasão e

encantamento. “Chamava a atenção, eu via o padre com aquelas vestes, os irmãos, eu achava diferente, pois hoje em dia não se vê mais” (depoimento de toqueiro). Para um dos irmãos, as vestes religiosas revelam às pessoas “que aquela pessoa é uma alma que se ofereceu a Deus, não é um qualquer”<sup>4</sup>.

Fato é que a estética diferenciada dos toqueiros, para os padrões atuais da própria Igreja, é já uma mensagem, à Igreja e ao mundo. Conforme Dantas (1988, p. 196) “o exotismo” cumpre a função da “estética dos diversos. O que não se parece conosco é então percebido como belo”. Se esta lógica vale, por exemplo, para o candomblé, que chama a atenção e a admiração dos de fora, inclusive turistas e intelectuais, que se deixam seduzir pelo exótico e o belo representado no diferente e totalmente outro; penso que, a seu modo, o estilo estético da Toca de Assis também seduz e chama à admiração pessoas que veem em suas roupas, cortes e adereços – ou ausência deles – um mundo que, consciente ou inconscientemente, está no campo da nostalgia. Faz parte, assim, de sensibilidades (pós) modernas o “vibrar por meio de imagens, gozar, nem que seja de maneira relativa, do mundo tal como ele é: eis as grandes características de uma ética da estética” (Maffesoli, 1995, p.146).

“Não só a arte, o esporte, a política, se dão como espetáculo, mas também a religião” (Carvalho, 1999, p. 149). Ora, chamar a atenção na rua pelas vestes e forma pouco convencional de viver é armar um espetáculo simbólico, no qual os toqueiros recebem reconhecimento ou incompreensão e, desses gestos de admiração ou repulsa, se constroem diante da sociedade, como contraste a ela ou como profecia testemunhal sobre ela. E, sem dúvida, o vibrar comunicacional da imagem traz à tona o tema da *militia Christi*. “A estética da imagem corresponde à sua função dinâmica, a de fazer experimentar juntos emoções e, com isso, fortalecer o corpo social que é seu portador” (Maffesoli, 1999, p. 346). Um toqueiro, ao ver os outros descalços, tonsurados, de barba, de hábito surrado, como um exército de São Franciscos diante dos

<sup>4</sup> Neste caso o hábito faz o monge.

pobres, sentiria, por certo, reforçada sua opção, seu ideal, em uma experiência coletiva de afirmação e de grandeza ideal.

Comprazer-se com a aparência, ter nela uma finalidade, um ato, fazer dela uma ontologia, leva a um paradigma estético (Maffesoli, 1999, p. 156). O corpo como *axis mundi*, em torno do qual o sentido se ordena. A partir de uma perspectiva foucauldiana, Rebelo (1999, p. 271-2) destaca que corpos não o são em estado abstrato ou de inocência, mas que carregam – ou podem carregar – símbolos de poder, ser lugares de operação de poder. Corpos – e atitudes corporais – estão cheios de significados. O corpo, assim, é construído para ser visto, para ser “epifanizado”, em uma “teatralização ao mais alto grau” (Maffesoli, 1999, p. 41). E quando cito aqui “teatralização”, não o faço no sentido da mistificação ou inverdade, falseamento, mas compreendo o termo, aplicado aos toqueiros, como expressão de um desejo sincero de uma identificação mimética representada na roupa, nos pés descalços, na tonsura, na barba, com São Francisco de Assis. Afinal, os símbolos corporais são determinantes para a construção da personalidade, representando contextos e modelos de vida (Fraas, 1997, p. 94).

A teatralidade é uma forma de acentuar a comunhão e a sociabilidade de um grupo ou ideal (Maffesoli, 2006). Ela faz parte dos rituais, religiosos ou não, familiares, sociais, do trabalho, da academia. De certa forma todos nós representamos papéis onde estamos inseridos, respondendo a uma postura e atitudes que, pré-convencionadas e aceitas como legítimas, são esperadas de nós (Berger, 1996).

Entre os toqueiros, o corpo, como expressão midiática, teatral, se torna fundamental para a construção da eficácia comunicativa do *ethos* do grupo, de sua identidade (Klein, 2006, p. 156). Mas não é só no corpo que o símbolo da diferença se faz presente. Também na alma, ou seja, em uma das mais fortes âncoras de identidade: o nome. Os nomes dados aos novos irmãos e irmãs refletem uma piedade bastante tradicional, ligada a símbolos de santidade que colocam o novo membro sob os cuidados do orago a quem ele se liga e, psicologicamente, o

faz se sentir ligado espiritualmente à significação de seu nome. O hábito da troca de nomes, porquanto mais um resgate da piedade tradicional e volta ao pré-Vaticano II (o Concílio facultou tal prática, antes regular nas ordens religiosas), tem o caráter, também, de fazer o iniciado se perceber como nova pessoa e, conseqüentemente, de certa forma, negar um passado, inclusive familiar, pela troca de nome.

Por exemplo: Ir. Francisco do Coração Imaculado da Virgem de Fátima. Note como esse nome agrega vários significados. Não é simplesmente um “Ir. Francisco de Assis”, mas um nome pomposo, munido de especificidades que marcam o quanto mais possível uma piedade. O coração imaculado não é simplesmente o da virgem Maria, mas o da virgem de Fátima (não a de Lourdes ou Aparecida). Uma espiritualidade que precisa definir ao máximo. A tentativa de construir um mundo identitário o mais denso e piedoso possível. Afinal:

O ingresso na vida monástica é sempre acompanhado pela renúncia das identidades e relações sociais anteriores, inclusive familiares: as vestimentas sociais são trocadas pelos trajes monásticos, o nome social é substituído pelo nome espiritual, os bens materiais são doados e os antigos laços ou situações sociais são abandonados. [Sodré, 2004, p. 43]

A troca de nomes tem a função de simbolizar uma ruptura com o passado e a aceitação de novo tipo de vida e identidade (Goffman, 1987, p. 105). Por outro lado, complementarmente, Maffesoli (1999, p. 37) chama a atenção para o “deslize de uma lógica de identidade para uma lógica de identificação” que seria mais coletiva, sentimental. E nessa identificação sentimental é o circuito mais tradicional e antigo, identificado como mais legítimo, que ganha corpo<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Antigo, porém batizado por novas sensibilidades religiosas. Os onomásticos são revigorados com novos ares, através de alguns nomes que indicam conceitos e ideias que pouco lembram a sisudez e formalidade de eras passadas. Assim, por exemplo, Ir. Alegria da Eterna Jerusalém; Ir. Sol; Ir. Dileto; Ir. Israel; Ir. Cordeiro. Nomes que costumam, também, apontar para um viés afetivo.

Podemos dizer que após o Concílio Vaticano II – com sua liberalização de certos símbolos/práticas/indumentárias religiosos, como hábito, tonsura, latim – e com o advento da era subjetiva pós-moderna, “os símbolos religiosos, perdida sua ‘aura’ (...) estariam à disposição de quem quisesse utilizá-los para outras experiências, no caso a estética” (Benedetti, 2006, p. 123). Assim, a reabilitação de símbolos religiosos, e o uso constante e obrigatório dos mesmos na Toca de Assis demonstra uma reação à liberalização pós-conciliar no âmbito simbólico na Igreja. Afinal, diante do espectro da relativização da modernidade, há duas alternativas: a abertura à mestiçagem cultural ou “o refúgio em universos simbólicos que permitem continuar imaginando unida, coerente e compacta, uma realidade social profundamente diferenciada e fragmentada” (Pace, 1999, p. 32).

O modelamento, então, de um novo franciscanismo carismático, no qual se fundem as mais antigas tradições com os mais modernos meios de vivência da fé, não deixa de se inscrever como a formação de uma religião, ou de um espaço dentro dela, “submetida à escolha pessoal, que corresponde à vivência da construção da individualidade” (Sodré, 1996, p. 26). Construção através de um resgate feito pela reflexividade, pela escolha, por um pinçar elementos antigos no baú plurivalente, plural, de miríades de escolhas, ou, em uma palavra, acessar o antigo através de sensibilidades reflexivas modernas e da composição estética pós-moderna.

A reflexividade atual tem esta dupla dimensão: a cognitiva, mobilizando símbolos conceituais; e a estética, mobilizando símbolos miméticos, como imagens (Montero, 2006, p. 258). Para Giddens (2002), o âmbito da escolha, na sociedade contemporânea, se refere não só ao como agir, mas, fundamentalmente, ao quem ser. É o ser que passa pelo corpo, elemento da identidade, como meio de autorrealização e auto-identidade. Neste sentido, o visual do toqueiro passa a ser um item fundamental para a organização de sua auto-identidade. Ele só é toqueiro na medida em que assume um determinado perfil

corporal, que tem relação com hábito, barba, tonsura, símbolos que aderem ao corpo e perfazem o eu. “‘Identidade’ significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular” (Bauman, 2003, p. 21).

Qual a auto imagem destes jovens? Como se viam, se veem e querem se ver? O que querem sinalizar para a “cultura secular”? Conforme Sanchis (1999, p. 62), a tomada de uma identidade forte aponta aquilo para “que o sujeito pretende ser aos olhos dos outros e aos seus próprios olhos, eventualmente até o que ele se esforça para se persuadir que ele é”, tentando se reconhecer em um tipo ideal.

## 2 Tocões, modernidade e tradição: entre tramas e paradoxos

A Toca de Assis constrói sua identidade na tensão às vezes ambígua e com marcos divisores tênues, ou em cruzamentos por vezes inusitados, entre o antigo e o novo, entre a modernidade e a tradição, entre o racional e o místico. Para entender a Toca de Assis é preciso algum jogo de cintura dialético. Sua identidade quer ser forte, definida, dogmática, catolicíssima, tradicional. Mas nesta constituição entra uma série de elementos que a faz eclética, “contraditória”, ambígua. A Toca de Assis é – ou quer ser – tradicional por vias (pós) modernas. É o que também podemos observar a seguir.

A Toca de Assis realiza, a cada ano, eventos coletivos de celebração. O evento nacional, que ocorre sempre no início de outubro, coincidindo com a festa de São Francisco de Assis, tem sempre lugar nas dependências da Canção Nova, em Cachoeira Paulista/SP, com o nome de Tocão Nacional, reunindo uma grande quantidade de toqueiros de todo o Brasil e de simpatizantes da Toca de Assis. O evento tem início na sexta-feira à noite e dura até o domingo à tarde, encerrando com uma missa solene. Entre a sexta-feira e o domingo acontecem shows de bandas de músicas católicas, espetáculos de dança e teatro

protagonizados pelos toqueiros, e momentos de adoração ao Santíssimo Sacramento, acompanhados de procissões. Também há o relato de momentos fortes vividos na Toca de Assis, testemunhos, vídeos.

Já as *Tocas Regionais* são Tocões em menor escala, ou seja, circunscritos a uma região determinada, sob encargo de uma das centrais regionais da Toca de Assis. Neles ocorre muito do que há no Tocão Nacional, mas em escala e tempo reduzidos. A *Toca Regional*, que também acontece uma vez ao ano em cada região administrativa da Toca de Assis, costuma durar um dia (domingo), reunindo os toqueiros da região, simpatizantes, e sempre com a presença do Pe. Roberto.

A seguir, a partir de uma vivência em evento do *Toca Rio*, isto é, o Tocão regional ocorrido na área da Central Mãe dos Pobres (RJ), busco pinçar algumas características inerentes a este tipo de evento.

A programação do *Toca Rio* estava estipulada da seguinte forma: 08h30: animação com o conjunto musical “Frutos de Medjugorje”, ligado à RCC; 09h30: pregação; 10h30: adoração; 12h00: intervalo para lanche/almoço; 13h30: animação com Gláucio; 14h00: animação; 15h00: missa; 18h00: encerramento.

O lugar onde se deu o evento foi em um ginásio de um clube em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, em 2008. No espaço do evento havia uma sala adaptada para capela, com a presença do Santíssimo Sacramento, sendo adorado constantemente em um revezamento de toqueiros; e uma sala adaptada para enfermaria, fora outra, de acesso restrito, que servia como sacristia. No início da manhã, antes da pregação, o Pe. Roberto se encontrava em adoração na capela.

### 3 O comércio

Havia uma barraca, muito frequentada durante todo o dia, vendendo vários tipos de camisas da Toca de Assis, terços e outros objetos da produtora da Toca de Assis. Eu disse produtora? Sim,

a Toca de Assis tem uma produtora: produz bonequinhos de frades, adesivos, camisas, bonés, livros, folhetos, CDs, DVDs e tudo o mais em que se possa imprimir uma mensagem religiosa da Toca de Assis e que se possa vender. A Toca de Assis também arrecada fundos com a venda de livros, CDs, MP3 de pregações, produtos variados com *slogans* da Toca de Assis, como camisas, bonés, bolsas, imãs de geladeiras com imagens de frade e freira etc. Aliás, para a maior comodidade do “cliente”, o mesmo pode, na loja virtual da Toca de Assis na internet, comprar com toda segurança através de diversos cartões de crédito, anunciados e estampados na loja virtual. Um símbolo agudo do capitalismo e da sociedade de consumo presente e muito útil na página oficial dos “filhos e filhas da santa pobreza”, que optaram em serem pobres na mais aguda radicalidade.

Conforme Libânio (1998, p. 71), a religião na pós-modernidade pode ter papel ambíguo, introduzindo inércia e resistência ao capitalismo, através do universo espiritualista e místico, mas, ao mesmo tempo, lidando com o consumo capitalista, a comercialização de produtos em um mercado da fé, de forma a perpetuar sensibilidades e estruturas capitalistas. A Toca de Assis se amolda assim, um tanto, ao *slogan* “compro, logo existo”, ou “consumo, logo existo”, dado que toqueiros e, particularmente leigos e simpatizantes da Toca de Assis, ao consumirem camisas, fotos, objetos da Toca de Assis, se “sentem” mais dentro do espírito da Toca de Assis.

O fato de a Toca de Assis lançar CDs, DVDs, utilizar-se da mídia eletrônica para fazer chegar sua mensagem às pessoas, constitui-se num diálogo da religião com a modernidade (Oliveira, 2003, p. 105). A comunicação através de meios mercadológicos, como venda de camisetas, chaveiros, adesivos, se insere na lógica comercial e faz da fé, ou de uma determinada experiência religiosa ou de carisma, como o da Toca de Assis, um elemento que pode circular através do consumo, uma espiritualidade que pode ser experimentada no consumo, como nas sensibilidades religiosas da Nova Era (Amaral, 2000). A fetichização, para

usar um termo clássico, de produtos de consumo religioso como canal de espiritualidade e realização espiritual e pessoal também é devedora de uma cultura de consumo capitalista que, conforme aponta Sung (2005, p. 17), em um mundo sem sentidos e encantos, reencanta pelo encantamento da mercadoria.

#### **4 Entre o delírio e o santo: Pe. Roberto e Jesus eucarístico entre os fiéis**

A Banda Medjugorje, da RCC, animou o primeiro momento do evento Toca Rio, de 8h20 às 10h30. Em típico estilo carismático, tocava músicas de apelos emocionais e de entrega e compromisso com Jesus. Mãos levantadas entre o público e mini-intervenções do vocalista, entre uma música e outra, pedindo conversão. Identifiquei algumas músicas como de origem evangélica, mas já plenamente absorvidas pela discografia católica.

Quando o Pe. Roberto entrou no ginásio, o vocalista da banda anunciou que estava entrando “o homem que está trazendo a Igreja à sua santidade”. Neste momento entra o Pe. Roberto com o ostensório. O frenesi é geral. Aplausos, gritos, choro. O padre segue até o altar, coloca nele o ostensório, o incensa e se ajoelha diante dele. Praticamente todas as pessoas se ajoelham no ginásio, para a adoração. Em todo momento, inclusive no de oração do padre, uma música suave de teclado é tocada ao fundo. O padre começa a rezar: “Como sacerdote eu exorcizo a todo espírito demoníaco que esteja aqui. Saia! Saia todo espírito de bruxaria, feitiçaria, ocultismo. Peço que vocês, jovens, que se envolveram em ocultismo e feitiçaria, renunciem ao espírito dessas práticas”. Após mais algumas orações, o padre proclama que haja nos corações e almas o “repouso no Espírito”. No exato momento que termina de dizer “repouso no Espírito”, várias pessoas caem, desmaiam, algumas de forma tão abrupta que chegam a bater corpo e cabeça, com violência, nas cadeiras de ferro espalhadas pelo ginásio. E ficam por um bom tempo deitadas, aparentemente inconscientes.

○ Pe. Roberto inicia pregação com a oração da Ave Maria. Após a pregação se inicia a adoração ao santíssimo sacramento. Praticamente todas as pessoas no ginásio estão de joelhos, e o padre faz orações que são repetidas por todos. Afinal, o profeta é reconhecido por sua “efetiva prédica emocional (...) ocorra ela oralmente ou em forma de panfletos ou revelações propagadas por escrito” (WEBER, 1994, p. 307). A voz do Pe. Roberto parecia a voz de Deus naquele ginásio. O que ele falava, como ele falava, em pregação ou oração, emocionava as pessoas. Era visível.

Ao terminar a pregação e a adoração no altar, o padre inicia a procissão, ou passeio, do Santíssimo Sacramento dentro do ginásio, no meio do povo. É o ponto alto da adoração. Um frenesi toma conta do ginásio. Os músicos começam a tocar várias músicas religiosas. Aplausos, gritos, murmúrios, choro em cascatas se apresentam no lugar. E o padre vai passando o ostensório entre o povo. De quem ele chega perto é difícil perceber se o olhar se dirige mais ao padre ou à hóstia. Há uma disputa pelo olhar. As pessoas estão de joelhos por onde o padre passa. E o sacerdote Roberto vai colocando sua mão sobre a frente de cada pessoa por quem passa, sendo que a maioria cai ao toque do padre, ficando aparentemente desacordadas, deitadas no chão, em “descanso no Espírito”. A banda sobe o som. As pessoas estão eufóricas. A cena assemelha-se a um show juvenil, com a diferença de que na plateia também estão adultos e idosos. As expressões das pessoas são profundas, impressionam pela emoção vertida.

Em certo momento o padre para e se abaixa junto a uma jovem, semi-consciente, no chão, e aparentemente conturbada e com espasmos. Ali o padre se demora, realizando, com sua mão na testa da moça, um discreto exorcismo, com palavras que, pela distância, não pude captar. De todos os que caem, os jovens são a maioria. Em certo momento o padre sobe em uma cadeira e eleva ainda mais o ostensório. Delírio na multidão, que calculei em torno de três mil pessoas.

Passear com a hóstia consagrada no ostensório entre as pessoas é causa de momentos de intensa emoção e comoção (Carranza, 2000, p. 97). O que eu via era um espetáculo, ainda que santo, por suposto. “É próprio do espetáculo acentuar, diretamente, ou de maneira eufemística, a dimensão sensível, tátil da existência social (...). O retorno da imagem e do sensível, em nossas sociedades, remete certamente a uma lógica do tocar” (Maffesoli, 2006, p. 134). Era o que ocorria: pessoas tocando o padre, o padre tocando as pessoas. Carteiras de trabalho e objetos pessoais que deveriam ser tocados, se possível, no ostensório. Pessoas abraçadas, tocadas, no duplo sentido, pelo abraço e pela emoção.

Devido à massividade mesmo da audiência e à intensidade da atenção, o indivíduo se acha plena e verdadeiramente na presença de uma força que é superior a ele e diante da qual ele se curva [Durkheim] (...) A orientação opera nestes dias mais pela estética do que pela ética (Bauman, 2003, p. 63).

Era a celebração da estética da emoção, da epifania de um Deus por meio de seu profeta, na beleza forjada – no bom sentido – de um espetáculo a olhos e corações católicos. Nos shows e cantos, multidão emotiva e símbolos partilhados, havia a sensação estética, imagética que dava o ponto, a liga da identidade, cimentando-a na esteira estético-emocional. Falando do orgasmo, Maffesoli (2005, p. 14) aponta que é “no e pelo coletivo que todos se satisfazem”. Era assim ali.

## 5 Se não fossem os Tocões e a dimensão festiva...

Eventos como os encontros da Toca de Assis, nacionais ou regionais, em que os irmãos e irmãs se encontram, convivem com seus colaboradores e celebram sua identidade são essenciais para o sustento cognitivo, simbólico e emocional dos laços de identidade e pertença dos toqueiros. Tais espaços de efervescência, vividos de forma regular (anual) são de fundamental importância para

sustentar entre os toqueiros (e leigos) conversação e legitimação, certezas e forças. Sem esses espaços regulares de efervescência dificulta-se a sustentação com entusiasmo de um movimento que lida com tanta dureza e sacrifício. Ora, a religião também se dá como espetáculo, *vis a vis* com os esportes, arte, política (Carvalho, 1999, p. 149). É o que operam os acampamentos/retiros na Canção Nova, os Tocões e mesmo a vistosa Pastoral de Rua. Carranza (2006, p. 75) caracteriza tais eventos megareligiosos como “espetacularização” e “personificação” da fé e religião.

É interessante, no entanto, perceber que a Toca de Assis – assim como outros grupos religiosos do gênero – afirmam sua legitimidade através da indicação da ilegitimidade de eventos que guardam semelhanças com seus modelos. No carnaval, assim como no Tocão, há alegria, estilização, fantasia, música, brincadeiras, “teatro”<sup>6</sup>. A Toca de Assis se vale de modelos de expressão próximos de modelos de expressão cultural da sociedade civil. Neste sentido, os modelos da Toca de Assis querem ser uma alternativa – legítima e verdadeira, segundo seu discurso – aos modelos de alegria, como o do carnaval, da sociedade civil. “Combate” elementos seculares através de sua própria lógica, mas devidamente “batizada”. Assimilam-se elementos seculares, não explicitamente ou tradicionalmente tomados como religiosos, para a expressão religiosa, ao mesmo tempo em que esvazia-os, se estiverem vinculados a expressões não católicas de vivência dos tais.

Apesar de ser um movimento altamente “espiritualizado”, a Toca de Assis valoriza o corpo nas expressividades da dança, do teatro, do visual. O corpo moderno e pós-moderno, articulado com a alma espiritualizada “pré-moderna”.

As festas da religiosidade popular também são incorporadas na Toca de Assis, como os “arraiás” de festa junina, em que os toqueiros não poupam panos, chapéus e estilizações de “Jeca” para fazer a festa, com quadrilha e comidas típicas (Revista Toca,

<sup>6</sup> Deixo claro, mais uma vez, que não tomo tais termos pejorativamente, ou querendo significar falsa consciência.

n. 36, p. 4). Aqui é bom chamar a atenção para o caráter da estilização, da imagem. A festa junina na Toca de Assis é muito bem estilizada, assim como a imagética franciscana primitiva, ou sua imagem idealizada, o é no dia-a-dia toqueiro. A questão da imagem, da composição, do estilo, ultrapassa assim a questão religiosa e se revela como um apelo juvenil de viver intensamente um ideal, seja o religioso ou o passageiro ideal de uma festa, que deve ser vivida em todo seu sentido e profundidade próprios. Os “arraiás” da Toca de Assis são primorosamente decorados e têm tudo o que não pode faltar em uma festa junina: bandeirolas, quadrilha, casamento na roça, arrasta-pé, barraquinhas de comidas típicas, corrida de saco e até “corrida atrás de um leitão cheio de óleo” [Revista Toca, n. 13, p. 11].

A dimensão da festa, do lúdico, do risível, da alegria, é parte essencial da vida do toqueiro, sem a qual é provável que adolescentes e jovens não suportassem a aridez do dia-a-dia vivido com adultos sujos, abandonados, mal-cheirosos, de purulentas feridas. Os jovens trazem para dentro da Toca de Assis a sensibilidade da celebração, da festa, da descontração, da suspensão da realidade diária para o encontro da dimensão afetiva e lúdica que transcende e sustenta a aridez da vida e do trabalho junto à população em situação de rua. As expressões do caráter juvenil, celebrativa e lúdica são inúmeras. E, geralmente, com um lastro simbólico e de forte identidade por detrás, isto é, a fortalecer a identidade toqueira assumida. Todos os anos, por exemplo, se elege uma música tema para a quaresma na Toca de Assis. Toqueiros compositores afinam instrumentos e inspiração para o santo concurso. A Toca de Assis também tem um grupo interno chamado *TocArte*, ou seja, um grupo de toqueiros responsáveis pelas expressões artísticas na Toca de Assis, para elaborar danças, teatros, músicas a serem apresentadas nos grandes encontros na fraternidade e de fora dela.

Danças, hip-hop, *street dance*, *raps*, teatros, coreografias, mostram a capacidade de novos movimentos religiosos sacralizarem o profano (Benedetti, 2006, p. 132). Até mesmo o

*Ballet* é adotado como forma artística de veiculação da mensagem religiosa [Revista Toca, n. 47, p. 5]. Ora, dança e teatro tem a ver com o corpo, com movimentos corporais, com toques, com sensualidade. Toqueiros e toqueiras atuam juntos em tais espetáculos, em danças e performances que pouco deixam a dever a produções profissionais. Conforme Giddens (1993, p. 10), na modernidade avançada a sexualidade ganha uma dimensão plástica, de ligação intrínseca com o eu, uma sexualidade “liberta das necessidades de reprodução” que liberta a pessoa da “regra do falo”. Não deixa de ser assim na Toca de Assis.

## Conclusão

A Toca de Assis, filiando-se em simpatia afetiva à RCC, exprime em si os movimentos estéticos ou espirituais que se encontram no universo carismático. Se estes processos que incluem, como afirma Brandão em sua análise das religiões populares, “cantos e danças, gritos (...) mãos dadas ou entre palmas, prostrações primitivas, línguas estranhas” (Brandão, 1986, p. 141), se encontram, a seu modo, na Toca de Assis, é preciso se perguntar se eles não representam – ou querem representar – uma volta à religião de primeira mão, não “dominada” pela banalização. Uma paradoxal mistura entre as emoções primevas e o amoldamento fiel, ou fidelíssimo, à estrutura eclesiástica. Um misto complexo que se entrincheira entre o profético, o chamado aos primórdios, à experiência direta, e a meiga obediência e incorporação à/na estrutura oficial.

## Referências

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: comunidade e essência na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Religião: trânsito ou indiferenciação? In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 123-134.

BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARRANZA, Brenda. Catolicismo Midiático. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 69-88.

\_\_\_\_\_. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Santuário, 2000.

CARVALHO, José Jorge. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, Maria Clara (Org.). *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 133-160.

COSTA, Joaquim. *Sociologia dos novos movimentos eclesiais: focolares, carismáticos e neocatecumenais em Braga*. Porto: Afrontamento, 2006.

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovô nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRAAS, Hans-Jürgen. *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

\_\_\_\_\_. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2002a.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GUERRIERO, Silas. *Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas/ PUC-SP, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catolicismo: a configuração da memória. In: *Rever*, nº 2, São Paulo, p. 87-107, 2005.

KLEIN, Alberto Carlos Augusto. Mídia, corpo e espetáculo: novas dimensões da experiência religiosa. In: PASSOS, João Décio. *Movimentos do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 151-184.

LIBÂNIO, João Batista. O sagrado na pós-modernidade. In: CALIMAN, Cleto. *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 61-78.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. *A sombra de Dionísio*. São Paulo: Zouk, 2005.

\_\_\_\_\_. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MONTERO, Paula. Religião, modernidade e cultura: novas questões. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 249-262.

OLIVEIRA, Eliane Martins. *O mergulho no Espírito de Deus: diálogos (im)possíveis entre Renovação Carismática Católica e a Nova Era na Comunidade de Vida no Espírito Canção Nova*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. UERJ. Rio de Janeiro, 2003.

PACE, Enzo. Religião e globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 25-42.

REBELO, Margarida. Traços contínuos de diversão. In: PAIS, José Machado (Org.). *Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*. Porto: Ambar, 1999. p. 265-302.

SANCHIS, Pierre. Catolicismo, entre tradição e modernidades. In: *Comunicações do ISER*. Rio de Janeiro, n. 44, Ano 12, 1993. p. 8-24.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Pluralidade católica: um esboço de novos e antigos estilos de crença e pertencimento. In: *Sacrilegens*, n. 1, Juiz de Fora: PPCIR, UFJF, 2003. p. 139-158.

SODRÉ, Olga. Globalização e pluralismo: guerra e violência ou paz e diálogo. In: PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon (Org.). *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, ABHR, 2004, p. 11-52.

SOBRINHO, Lemuel Dourado Guerra. As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na Igreja Católica. In: *Razão e Fé*. Pelotas/UCPEL, vol. 6, n. 1 e 2, dez. de 2004. p. 105-128.

SUNG, Jung Mo. Reencantamento e transformação social. In: *Estudos de Religião*. Ano XIX, n. 29. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005, p. 12-36.

TOCA PARA A IGREJA. Revista mensal da Fraternidade de Aliança Toca de Assis. Campinas, números correspondentes aos anos de 2003 a 2009.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Volume 1. Brasília: UnB, 1994.